

VER DE NOVO

Fernando António Nogueira Pessoa nasceu a 13 de Junho de 1888 e não mais foi esquecido, mesmo depois de 30 de Novembro de 1935.

O Ultimato Inglês, o Mapa Rosa, o Regicídio, a República, a 1ª Guerra Mundial, o Salazarismo... Tantas coisas na vida de um homem imortal, sempre presente, sempre arrepiante e deslumbrante na arte de tratar a palavra e de a respeitar, dando-lhe novos sabores e novos sentidos num mundo de sentido único no “politicamente correto”.

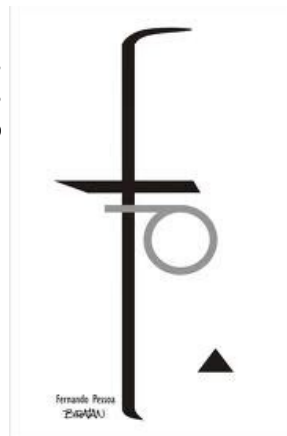
Não sei se o facto de ter nascido no dia do santo casamenteiro, Santo António, que antes de ser frade tinha o nome de Fernando, se pode associar ao nome Fernando António, mas é uma curiosidade que leva a pensar, não a ver com outros olhos Fernando Pessoa, mas a ver **com os olhos** de Fernando Pessoa. Ou seja, ver de novo.

Ver de novo com Pessoa equivale a uma emoção pensada ou a um pensamento emocionado?

Pela lógica, não deveria haver pensamentos emocionados, mas sim emoções pensadas: o coração cala-se, a razão manda. Academicamente seria uma discussão inútil, sabermos qual das duas hipóteses colhe a vitória. Porquê inútil? Porque Pessoa resolveu!

De facto, a poesia de Pessoa é o resultado de um pensamento emocionado sobre uma emoção pensada.

FERNANDO PESSOA ET ALII



COM OUTROS OLHOS

Vamos por partes:

1. A poesia é a intelectualização de uma emoção do passado;
2. Esta emoção é filtrada pela memória, no presente;
3. Então, a poesia é ver de novo o passado com o olhar do presente.

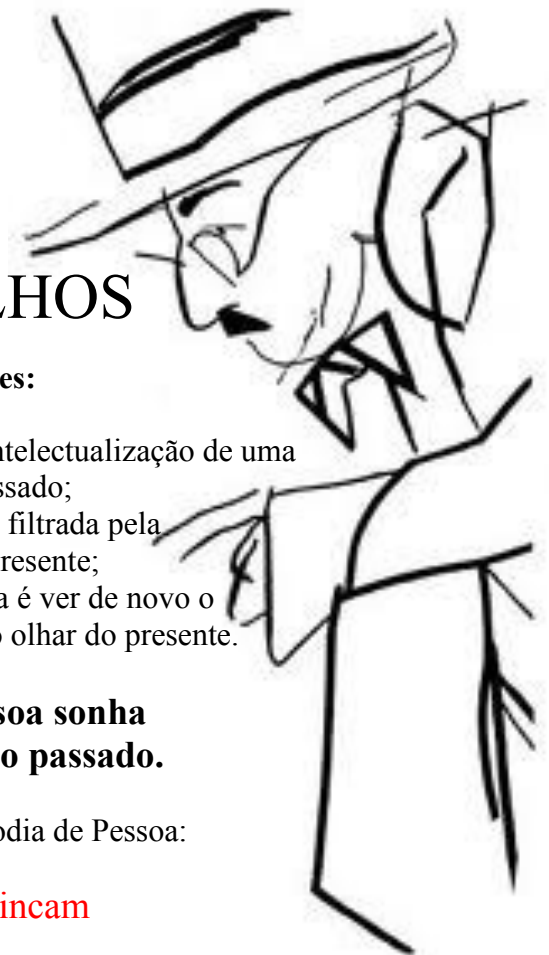
Por outras palavras, **Pessoa sonha ou reinventa o passado.**

Ouçamos a melodia de Pessoa:

Quando as crianças brincam
E eu as oiço Brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinto
Isto no meu coração.



Não há dúvida que a sua infância é o alvo deste poema, mas com um olhar do presente que não tinha na infância.

Sonar o passado, o grande lema de Pessoa. Quem mais tem coragem? Quem o consegue ver? (“Não sei, ama, onde era”) Porque moldamos o passado? Porque o recriamos? (“Talvez palmares inexistentes”)...

A criação poética de Pessoa é sofrida, porque pensada. Sofrida tal como a vida o é. Fingimento poético? Sim, porque no presente uma emoção passada já está intelectualizada. Fingimento de vida? Não! Tentativa, isso sim, de traduzir a vida em poesia. É sempre ver de novo.

Ver de novo com olhos de ver novidades sempre, porque nas coisas não há mistério, como defende Alberto Caeiro; ver as coisas presentes sem passado, como Ricardo Reis tanto prega; ver o aniversário de infância com olhos nostálgicos de adulto, com que Álvaro de Campos, o intimista, não se conforma. Daí, “Raiva de não ter trazido o passado roubado numa algibeira!...”

Nunca se traz o passado, mas sim memórias enganosas sobre um passado que, de facto, não se viveu, tal como o pensamos no presente.

Então, o passado que pensamos no presente **não é nosso: É medido pelo que resta sempre, em absoluto, de nós: o presente:**

“E eu era feliz? Não sei:

*Fui-o
agora.”*



outrora

de

Conversa com...

VER DE NOVO COM OUTROS OLHOS

fernando pessoa et alii

21 novembro - 10:15

Prof. José Manuel Araújo